

O MEDIADOR E O PENSAMENTO ESTRUTURADO PARA A LEITURA DE IMAGEM

Eliane Patricia Grandini Serrano
patriciagrandini@faac.unesp.br

Guiomar Josefina Biondo

Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho - UNESP

Resumo

Atualmente o termo mediação vem sendo amplamente discutido a partir de teorias que seguem tendências que vão desde a linha filosófica até os estudos sociológicos, construtivistas e culturais. O presente trabalho propõe a aplicação de leitura de imagens pelo professor/mediador que deve conduzir o processo de decodificação do objeto artístico, de forma a possibilitar o exercício do pensar construtivo, ou seja o leitor deve penetrar no texto visual de maneira orientada para uma exploração neutra e objetiva das questões que podem ser levantadas, a partir da leitura, para posterior criação artística própria.

Palavra-chave

Mediação, leitura de imagem, arte contemporânea

Abstract

Currently the term mediation has been widely discussed from theories that follow trends ranging from the philosophical line to sociological studies, cultural and constructivist. The present work proposes the application of image reading by the teacher / mediator who should lead the process of decoding the art object, in order to allow the exercise of constructive thinking, ie the reader should understand the text visually oriented manner an exploration of neutral and objective questions that can be raised from the reading for later artistic creation itself.

Keywords

Mediation, image reading, contemporary art

Conforme *Lalande* (1993), o termo mediação vem do inglês *mediate*, que gerou o termo *mediation* e por fim seus derivados *intermediation*. (BONO,2008).

Para Platão, Sócrates e Aristóteles filósofos consagrados da Grécia antiga, o pensamento se fundamenta em discussões. Platão acreditava que a verdade era escondida pela aparência, (só vemos a sombra da verdade). Sócrates deu ênfase a argumentação, ou seja demonstrar o que é errado e Aristóteles sistematizou a lógica da inclusão/exclusão. Assim se deu o pensamento ocidental: análise, julgamento e argumentação associado ao “o que é”, (BONO 2008).

No campo da filosofia, o conceito de mediação tem procedência em duas vertentes: uma de caráter cristão, idealista, para em seguida assumir uma postura de acordo com a corrente existencialista. A outra vertente é de tradição marxista, com a preocupação de dar respostas aos vínculos dialéticos. Mas ao

longo do tempo, as duas linhas não se mantiveram totalmente desvinculadas, isso fez gerar a interpretação ambígua que o conceito assumindo conforme o entendimento que foi sendo atribuído.

Dentro das ciências sociais, mediação está ligada à idéia de intermediário. Essa noção está estruturada no behaviorismo, quando se pensava em estímulo e resposta.

No construtivismo o sujeito aprende através da experiência, que é objetiva, captando pelos sentidos o mundo objetivo para que possa apropriar-se dos signos culturais. O sujeito se desenvolve sob a forma de capacidades, habilidades e aptidões à medida que ocorre o desenvolvimento biológico. Diferente de outras teorias o construtivismo piagetiano propõe a intervenção do professor na construção do conhecimento do aluno. Existe o professor e o aluno que aprende, acreditando numa potencialidade humana já dada ao sujeito no ato do nascimento.

Dentro dos estudos culturais podemos apontar Martín Barbero (2009), que deslocou o estudo dos meios e concentrou-se nas mediações, ou seja, no entorno dos meios, e das matrizes culturais que podem ser: os sujeitos, os gêneros, os espaços, a família, a escola.

Desse modo devemos conceber a mediação como todo contexto cultural que os indivíduos adquirem ao longo da vida, não somente através da educação formal, mas por experiências oriundas do seu cotidiano. Não se pode pensar em mediação somente pelo viés do receptor, mas a integração de todos os âmbitos da comunicação: tanto da produção, o produto e a recepção.

Pensando em parte no papel de intervenção do professor é preciso pensar na relação sujeito e objeto, ou seja, o objeto é outro sujeito, um indivíduo que: participa que pensa e se comunica, uma forma dialógica de comunicação que tem o fenômeno do conteúdo como o intermediário dessa relação. Esse diálogo é uma relação ativa aonde o conhecimento objetivo vai se transformando em inteligível. Assim, pode-se caracterizar como mediador, o conhecimento, que envolve o pensamento - grande recurso do ser humano para a aprendizagem. Se cultivarmos uma visão limitada que o pensamento é capaz de fazer, ficaremos convencidos que somos excelentes, porém ao percebermos toda a amplitude cognitiva, desenvolveremos as qualidades humanas de modo que permitam a compreensão do mundo.

O processo de desenvolvimento das qualidades humanas resulta do processo de transmissão da cultura histórica e socialmente criada e esse processo de transmissão da cultura, é mediado socialmente por um parceiro mais experiente. Esse parceiro na sala de aula é o professor e cabe a ele realizar a transmissão da cultura na sala de aula. E para concretizar essa transmissão, devemos considerar a seleção adequada dos conteúdos que devem ser transmitidos de forma organi-

zada, de modo a estruturar o pensamento do aluno, que não deve ser baseado apenas em argumentos ou experiências anteriores. Isso funciona num mundo estável valendo-se de padrões passados para avaliar nossas idéias. Esta forma de pensar leva a discordância entre as partes e a discussão se instala, com argumentos individuais, onde cada um dos lados tenta provar que o outro está errado.

Pensando no campo da arte atual e no mundo em transformação, essa situação pode deixar de ser aplicada. Porque ambos os pontos de vista, não importa as contradições, devem ser considerados. Este é o tipo de pensamento: construtivo, criativo, onde devemos pensar no que: “pode ser” e não “no que é”, um caminhar para frente, como o anjo de Mayacovsky e de Brecht (FISCHER, 1979, p.230),

“o Angelus Novus de Mayacovsky e de Brechet, tem a face voltada para o futuro. Não enxerga apenas o que jaz em ruínas, mas discerne aquilo que esta por completar, o que é ainda difícil de ver, o que por vezes é obscuro e estranho. A realidade vista por este anjo não se limita ao que já se tornou factual, mas abrange também aquilo que é possível “

A interação construtiva na leitura da imagem

A pintura, como ficção se apresenta a partir da subjetividade para buscar na leitura o significado da obra. O significado vai depender do sujeito que interpreta e também do papel do mediador, aqui o professor, que possibilita e promove as mudanças de pensamento, mostrando as direções que o pensamento deve tomar. O mediador é o facilitador, conduzindo o grupo a concentrarem-se naquela proposta dada. É o organizador dos pensamentos necessários para explorar o assunto, ou seja, é “o regente da orquestra”, para que todos participem sem machucar o ego, sem exibição, sem derrotar o outro, mas explorando de forma neutra e objetiva um determinado assunto, a obra, reduzindo assim as hesitações.

O mediador ao trabalhar com arte, deve ter uma visão geral do assunto, da obra a ser lida, para que possa definir o enfoque, estabelecer as tarefas de pensamento e não simplesmente preparar as ações de produção. A função dele é monitorar o pensamento indicando direções e não descrições, promover a leitura sem confusão, sem envolver emoções, ou prejudicar as informações, sem destruir idéias do outros, de modo que todos exibam um bom desempenho como pensadores.

A nossa proposta é usar o mediador para conduzir o pensamento construtivo aplicado na leitura de imagem. Essa prática tem por objetivo neutralizar o pensamento argumentativo, tornando-o mais claro e eficiente, pois como dissemos anteriormente, no pensamento argumentativo onde cada parte tem

sua própria visão, os sujeitos são adversários e se confrontam. É uma forma de leitura; não é errada, porém não é suficiente. (BONO, 2008)

A arte atual, que muitas vezes nasce de confrontos individuais que se apresentam com comportamentos agressivos, faz-se necessário um direcionamento muito bem organizado, é preciso direcionar a agressividade para outro sentido. Assim ao mesmo tempo em que estamos lendo uma obra de arte, estamos colaborando para modificar o comportamento dos alunos, permitindo que cada um demonstre seus pensamentos, sua experiência e conhecimento.

A questão temporal é determinante na leitura da imagem de modo que as visões são expostas lado a lado, havendo um respeito mútuo entre as partes envolvidas. Neutralizando as confusões que tanto estimulam os conflitos entre os sujeitos e impedindo de encontrarem soluções para as questões, como acontece muitas vezes com o pensamento argumentativo.

Assim, ao olhar fixamente a obra de arte numa mesma direção, o mediador ao final de um tempo irá propor um foco de observação. Todos os olhares se voltam para aquele foco sem descrever, mas fazendo-os pensar, dando ênfase as suas idéias na projeção de um caminho para frente. Deverão indicar os riscos que poderiam ocorrer no tratamento com a imagem, nos cuidados que o artista teve ao tratar aquele assunto, estarão obtendo dados construtivos e conseguindo novas informações.

Assim uma coisa de cada vez. Um foco mais objetivo e , racional, pode levar em consideração a organização formal: proporção, equilíbrio, forma, cor, a busca do espaço, das angulações, dimensões etc.. Outro foco seria uma visão emocional em busca do sentimento, situações, gosto ou não, manifestar suas dúvidas, dar palpite. Outro pode ser o foco das informações, a busca de dados, fatos e verdades. Outro, o foco dos palpites, na política, na ética e valores. E ainda o foco em expor alternativas, sugerir novas idéias No final à visão do todo para uma possível criação, como forma de atualização e desdobramento da leitura visual.

Essas idéias partiram da leitura da obra de Edward de Bono (2003), e da proposta do Instituto Arte na Escola que expõe um trabalho educativo de leitura de imagem em territórios, em focos determinados. Assim, adaptando essas duas propostas fomos buscar esse recurso para a leitura da imagem, não somente pelo Bono ter usado as cores : vermelho , azul, amarelo, verde, branco e preto, através das emoções e sensações que transmitem, mas pela capacidade delas de usar o pensamento, e fazer perceber sua integração e transmissão de idéias nos diversos elementos da comunicação. (PEDROSA, 2003).

Ao usar o pensamento mais orientado permitimos o aluno satisfazer seus impulsos por meio de um bom desempenho como pensador, tornando cada vez mais a exploração neutra e objetiva de uma questão.

Ao buscar um foco de cada vez, buscamos novas idéias e opções, queremos encontrar benefícios, somos afetados pelo nosso sentimento, buscamos perigos ocultos, perseguimos novas idéias, pesquisamos cada coisa em seu lugar. Realizamos ações individuais, e no final vemos a totalidade da obra, conseguindo dessa maneira assimilar diferentes conteúdos. O trabalho com esses focos não foram utilizados diretamente para buscar conteúdos interdisciplinares, mas levou em consideração o pensamento a partir dos seus modos de ver. Desse modo numa seqüência evolutiva podemos ter formas de diferentes comportamentos, contribuindo para a disciplina escolar e favorecendo o processo criativo.

Em busca dos diferentes focos. Construindo a proposta.

Refletindo nas considerações anteriormente expostas, propomos a leitura de um texto visual que pode ser conduzida pelo professor/mediador a partir de determinados focos. O objeto artístico escolhido para ser decodificado pelos leitores é uma obra Eduardo Berliner, (Fig. 01), exposta na Trigesima Bienal de São Paulo 2012: “A iminência das poéticas”, a qual aponta simultaneamente, para o que é visível e para a materialidade. Berliner transita entre o estranho, misterioso, grotesco e banal. São narrativas conduzidas pela lógica do sonho e do absurdo. (Catálogo da seleção de obras da Trigesima Bienal de São Paulo, SESC: de 17 de 04 a 23 de 06 de 2013)



Eduardo Berliner – 2011-2012 S/n

Inicialmente podemos observar os depoimentos dos leitores diante da obra. Devemos estimular o olhar de descoberta de novos aspectos da realidade, redescoberta sem clichês, através de pedaços de pormenores e gestos, uma realidade inesperada e não um sistema convencional de frases feitas.

A partir da observação inicial pede-se ao grupo que dirija seu olhar para um determinado foco: tipo de construção do artista, a forma, o material, a composição, as cores, o suporte. Todos devem se posicionar indicando direções, não descrevendo os detalhes. (o que pode ser)

O segundo momento foca-se nas informações que obtiveram sobre a obra; algum fato ocorrido, nas leituras que outras pessoas fizeram; pensar em dados que deveriam obter, quais perguntas deveriam ser formuladas e outras formas de conseguirem informações.

Em seguida a direção será o foco no sentido das emoções, sentimentos e sensações provocados pela obra. Quais as dificuldades para ler a obra, ou as dificuldades na realização da obra, ela promove algum benefício, destaca algum valor?

Sempre buscando direções naquilo que pode acontecer, as questões devem ser dirigidas para um determinado foco; todos devem olhar para os detalhes por exemplo: as pernas da vaca que se juntava ao cavalo o que poderia ser? Qual a mensagem do artista? O que pode ser o objeto sobre na cabeça do cavalo?

O foco do estranhamento: existe alguma coisa muito estranha, maluca, absurda? Usando o verbal. Falar palavras relacionadas aos elementos da obra de trás para frente: ao invés de cavalo, lo - va - ca, por exemplo. Pensar em palavra aleatória que poderia estar relacionada com a obra, exemplo: sapo, sombrinha, etc. Esse é um tipo de provocação em busca de alternativas que podem inspirar criações futuras. Usar sempre o movimento ao invés de julgamento, porque o movimento é mover para frente e no julgamento comparamos as idéias com aquilo que “está no”.

A conclusão da leitura não esgota as possibilidades de exploração do sentido da obra, mas se desdobra com a proposta de criação de uma nova composição artística que considera tudo o que foi verbalizado e exposto pelos leitores.

Destacamos que esta proposta, também não finda as possibilidades da decodificação de textos visuais, é apenas uma entre as inúmeras vertentes da arte e da educação.

Bibliografia

BARBERO, J. Martins. *Dos meios às Mediações*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

BONO, Edward. **Os seis chapéus do pensamento**. Rio de Janeiro: editora sextante, 2008.

FISCHER, Ernest. **A necessidade da Arte**. Rio de Janeiro : editora Zahar, 1979, 7ª edição.

PEDROSA Israel. **O universo da Cor**. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2008.

Catálogo da Trigesima Bienal de São Paulo “ A iminência das Poéticas” São Paulo: 2012 e 2013.

Minicurrículos

Eliane Patricia Grandini Serrano possui graduação em Educação Artística Habilitação em Artes Plásticas pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1990), mestrado em Projeto, Arte e Sociedade pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1997) e doutorado em Letras - Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2003). Atualmente é Docente da Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho UNESP - Bauru, Faculdade de Arquitetura Artes e Comunicação, Departamento de Artes e Representação Gráfica. Experiência na área de Artes, com ênfase nas artes plásticas , linha de pesquisa do Departamento.

Guiomar Josefina Biondo tem formação em Belas Artes, possui graduação em Educação Artística pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1975), graduação em Desenho e Plástica pela Fundação Educacional de Bauru (1971), mestrado em Artes pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1994) e doutorado em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1999). Atualmente é assistente doutor da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Tem experiência na área de Artes Plásticas, com ênfase em Desenho Artístico, Desenho Infantil e Texto-Imagem, atuando principalmente nos seguintes temas: leitura de imagem, alfabetização visual, educação artística, pintura, ilustração e desenho infantil.